

FAIRCLOUGH, Norman. *Language and globalization*. London: Routledge, 2006. 186p.

PENNYCOOK, Alastair. *Global Englishes and transcultural flows*. London: Routledge, 2007. 189p.

Vanderlei J. Zacchi

A globalização e sua relação com a linguagem são o tema de dois livros recentes, escritos por conhecidos autores britânicos da atualidade: *Language and globalization*, de Norman Fairclough (2006) e *Global Englishes and transcultural flows*, de Alastair Pennycook (2007). Fairclough desenvolve sua análise sobre linguagem e globalização a partir da análise crítica do discurso, sobre a qual ele tem discutido extensivamente em diversos livros. Por outro lado, para debater o fenômeno do Inglês como língua mundial, Pennycook introduz um elemento pouco abordado na área da linguagem: o *hip-hop*.

Um aspecto comum em ambas as obras é a recusa à tese do imperialismo cultural (e, por extensão, lingüístico), segundo a qual o mundo estaria dominado por poderosas corporações midiáticas, em especial norte-americanas, que disseminam valores culturais ocidentais (incluindo a língua inglesa) e ameaçam as culturas locais. O fluxo cultural, portanto, partiria do centro (o Ocidente) para a periferia. Fairclough (p. 101) ressalta que, longe de um conjunto homogêneo de valores e estilos de vida, há uma certa variedade de formas e conteúdos veiculados por essa mídia. Pennycook (p. 1), por exemplo, observa que muito do *rap* norte-americano veiculado mundo afora (e que é apropriado por músicos de vários países) é marcado por uma variante afro-americana e popular de língua inglesa, muito diferente de qualquer versão culta e oficial da língua. Um segundo aspecto mencionado por Fairclough é que, em vez de uma colonização pura e simples, há uma complexa recontextualização, “um processo ativo de apropriação em que a extensão e a natureza da seleção, retenção (institucionalização), operacionalização e implementação de estratégias e discursos dependem das características econômicas, políticas, sociais e/ou culturais do contexto recontextualizante”,¹ entre as quais a história, as relações sociais e as identidades de sua população (p. 95).

Fairclough (p. 24) identifica na globalização uma dialética entre a desterritorialização e a reterritorialização de elementos culturais, que transitam pelo globo provocando novas mesclas, as quais, por sua vez, podem vir a se estabilizar em determinadas localidades. De maneira semelhante, Pennycook (p. 8) opõe à fixidez do espaço “a fluidez de paisagens culturais e lingüísticas”. Referindo-se ao inglês e ao *hip-hop*, ele afirma que a música e as formas lingüísticas são simultaneamente fluidas e fixas, movendo-se através de fronteiras, comunidades e nações

¹ As traduções são de minha autoria.

ao mesmo tempo em que se tornam localizadas e recriadas localmente. Assim, as formas lingüísticas e culturais estão em fluxo permanente, num processo contínuo de redefinição de identidade.

Nenhum dos autores vê a globalização como um processo homogeneizante, portanto. Fairclough congrega uma série de discursos que representam a globalização a partir de uma visão “econômica neoliberal redutiva” (p. 40), como parte de uma estratégia para justamente conduzi-la nessa direção. É o que ele chama de “globalismo”: discursos que relacionam a globalização com a integração de mercados e a definem como inevitável, irreversível e benéfica a todos. Por outro lado, ele identifica também uma globalização de baixo para cima (p. 121), que se utiliza de novos discursos, práticas e identidades para o desenvolvimento de estratégias locais e particulares. No caso de conflitos ambientais, por exemplo, ele conjectura a possibilidade de confrontos locais, particularizados, no contexto de um discurso ecologista universal.

Pennycook, por sua vez, procura superar as várias dicotomias que têm marcado a discussão em torno das relações políticas e culturais internacionais. *Global versus local*, *particular versus universal*, *central versus periférico*, *homogêneo versus heterogêneo* são tensões que já não seriam suficientes para descrever o mundo atual. Até mesmo as teorias “pós” (relacionadas ao modernismo, estruturalismo e colonialismo), com sua ênfase no temporal, já não bastariam. Como alternativa, o autor propõe a adoção de teorias “trans”, marcadas por uma relação espacial. Essa mudança do temporal para o espacial, afirma ele, é importante para entender “a globalização, o movimento, os fluxos e as conexões” (p. 44), idéia que se expressa particularmente por meio da “teoria transgressiva” (p. 41), como um desejo de transcender as fronteiras e produzir novas formas de pensamento.

O prefixo “trans” é, para Pennycook, uma alternativa mais adequada também para conceitos comumente acompanhados do prefixo “multi”: transmodalidade, transdisciplinaridade, transculturalismo, translingüismo. Este último, por questionar a própria possibilidade de separação das línguas, seria bem distinto do multilingüismo, que, para ele, nada mais é do que “uma pluralização do monolingüismo” (p. 49). Por fim, os fluxos transculturais do título remetem à já mencionada dialética entre a fixidez e a fluidez das formas culturais e lingüísticas, à maneira como elas “se movem, se modificam e são reutilizadas para forjar novas identidades em diferentes contextos” (p. 6), o que tem mais a ver com reordenação do local e “produção cultural de espaços alternativos” (p. 47) do que com processos de homogeneização e heterogeneização ou uniformização e particularização.

Um ponto de divergência entre os dois autores está relacionado ao emprego da análise crítica do discurso. Fairclough

defende que, nos fluxos da globalização, estão também os discursos, “modos de representar, construir e imaginar aspectos de processos sociais” (p. 163). Em sua revisão da literatura acadêmica sobre a globalização, o autor conclui que em geral ela se ocupa do caráter socialmente construído da vida social, mas quase não aborda o discurso, o qual, para ele, não pode ser excluído de qualquer análise da globalização como realidade. Conforme já mencionado anteriormente a respeito do globalismo, Fairclough afirma que o discurso, entre outras coisas, pode ser utilizado para projetar uma visão particular de globalização e, assim, legitimar ações e estratégias condizentes com essa visão. Nesse contexto, a análise crítica do discurso torna-se uma ferramenta primordial para o autor: “um recurso valioso para a pesquisa [das] relações entre discurso e outros elementos sociais, vendo-as como relações dialéticas. Uma das vantagens é que ela nos permite incorporar a análise textual à análise social da globalização” (p. 13). Pennycook, por outro lado, questiona a validade da análise crítica do discurso ao compará-la com os estudos da “alta cultura” (p. 84). Para ele, ambas as tendências erram ao considerar que uma investigação interna do texto possa desvendá-lo e revelar as ideologias que o sustentam. Aqui ele se refere a uma prática específica desse tipo de análise, que esmiúça o texto para encontrar evidências de ações e estratégias efetivadas na vida social. No livro de Fairclough, por exemplo, há uma categorização desses aspectos textuais, e uma relação das categorias utilizadas nas análises é apresentada ao final de cada capítulo.

Pennycook faz uma crítica também a uma política burguesa e esquerdista (*bourgeois-leftist*, p. 95) de análise da música popular. Essa tendência, segundo o autor, exalta músicos que transmitem mensagens anticapitalistas ou ambientalistas, entre outras, consideradas como aspectos progressistas da cultura popular, ao mesmo tempo em que evita aqueles que adotam posições culturais e políticas “inaceitáveis”. Pennycook acredita que as letras de *rap* precisam ser entendidas também a partir das variedades de linguagem empregadas, que têm a ver com mudança, resistência e oposição tanto quanto “letras que desafiam abertamente o *status quo*” (p. 138). Essa afirmação é importante por restringir a possibilidade de se cair num panfletarismo estéril. Mesmo a ironia e a irreverência podem ser mais eficazes politicamente, sem necessariamente fazer qualquer alusão a um discurso libertário. Pode-se dizer, ainda, que nem toda arte tenha de ter necessariamente uma função social ou política, ou qualquer outra função que seja. Mas Pennycook não deixa de ver um lado positivo no uso da música popular para fins políticos. Segundo o autor, ela tem sido tradicionalmente usada em protestos e ele cita músicos como John Lennon, Cat Stevens, Bob Marley e Victor Jara e eventos bem intencionados como o

BandAid (p. 83). É evidente, nesses exemplos, a caracterização da música como veiculadora de uma mensagem. Crystal (1998, p. 95) já havia apresentado argumentos muito semelhantes, limitando-se, porém, a artistas de língua inglesa (quase os mesmos citados por Pennycook). Para ele, as letras desses músicos carregam mensagens que, espalhadas pelo mundo, propiciam aos ouvintes uma experiência de como o “Inglês em ação” pode ter uma força unificante.

Em linhas gerais, pode-se dizer que, enquanto Fairclough privilegia uma resistência aos discursos dominantes da globalização, Pennycook se ocupa da apropriação de vários elementos presentes nesses discursos como forma de ação política e redefinição de identidade. De qualquer maneira, ambos os livros abordam temas extremamente atuais e reforçam a idéia de que não há como discutir questões relativas à linguagem se ela estiver desvinculada de seus outros contextos: histórico, político, social e, principalmente, cultural. Num mundo em que as fronteiras estão cada vez mais fluidas, manifestações culturais e lingüísticas podem ser pensadas não mais como expressões de identidades locais, mas como forjadoras de novas identidades, inseridas num contexto muito mais amplo e complexo. A própria noção de ser global e ser local torna-se problemática, dando lugar a níveis crescentemente híbridos de interação.